Número 0 - fevereiro/março de 2003

R$ 2,00

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

O que se passava nas garagens dos anos 60 !

Status Quo no Brasil !

Thin Lizzy quando os vagabundos se tornaram reis

Stones nova tecnologia resgata a fase mais ousada da banda

Zappa um guia para quem quer se aventurar na imensa discografia do mestre

Bandas que se foram antes do tempo sucumbindo da própria genialidade

Editorial

"Publicação destinada à música não pega no Brasil". Devo admitir que desde que me conheço por gente, escuto essa maldita frase.

O engraçado, é que na verdade todas as grandes publicações musicais que existiram no país, duraram pouco, e acabaram sempre por falta de interesse do público. Exemplos como a revista Bizz (depois Showbizz), e a Rolling Stone, que por incrível que pareça, teve sua versão brazuca nos idos de 1972, ilustram bem esse drama.

Conversando sobre o assunto, eu percebi que a carência por simplesmente algo interessante sobre música, é gigantesca. Principalmente algo sobre a boa música; aquela que não morre e que transcede gerações.

É sobre esse tipo de música imortal que falarei nessa nova publicação, destinada a quem simplesmente ama a música acima de todas as outras coisas.

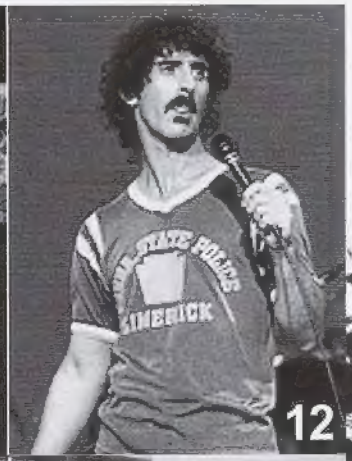
Nesse primeiro número, passei a limpo a carreira de uma importante banda do rock setentista, o Status Quo, que aportou pela primeira vez no Brasil, para dois aguardadíssimos shows. Tem também uma geral na cena de garagem dos anos 60; uma passada pela carreira de Eumir Deodato, um arranjador/músico/produtor de primeira, e muito mais.

Para números futuros, estão previstas seções de Progressivo, Blues e Jazz, sempre com ênfase na melhor fase da carreira, dos mais significantes expoentes de cada estilo.

É uma imensa alegria poder realizar esse projeto, e com certeza espero estar suprindo, pelo menos em parte, aquela carência de uma publicação desse tipo para com o verdadeiro amante da eterna boa música.

Para finalizar, gostaria de agradecer a todos, que de uma forma ou de outra, ajudaram no meu conhecimento musical através desse anos; amigos, jornalistas, lojistas, músicos e tudo mais. A cada um de vocês, dedico esse número zero da Poeira.

Bento Araújo



Bento Araújo, 26 anos, é jornalista e fanático por rock em geral. Adora escrever sobre música, colecionar discos e tocar contra baixo.

Editor responsável, redação, arte, diagramação, Marketing e distribuição : Bento Araújo.

Contato: poeirazine@hotmail.com * ou pelo 11-9526-7947
Todas as matérias são de autoria do editor.

Agradecimentos: Carmen (mamy rock n' roll, meu exemplo de alma), Carol (pela força e coragem), Tó, família, Tio Sérgio, Victor Zep, Carla, André Jessé, Renato Rushman, José (pelo aprendizado), Júlia, Ronaldo, Juliana, César, Caio, Ray (força total), Rogério, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e de todo o Universo, Régis Tadeu, Sérgio Martins, Paulo Cavalcanti, Fábio Massari, Gastão Moreira, Macarrão, Luis Calanca, Marcelo, Adriana, Artur, Diaz, João Pacheco, Sérgio Rivers, Daniel, Menino Wilson, José Luiz (verdão forever!), Sérgião NWOBHM, Flávio Jazz, Leopoldo Rey (mestre), William, Marco Bezzi, Marcelo Nova, Fernando Dylan, Luis Torge Ratão, Marcelo Ringel, Scrutnizer Band, Marcelo (Rock Symphony), Hector Borja, Alberto, Paul e Malaço Soul, Cadinho, Sérgio, Élton, José Luiz babeiro, Roger e Jaque, Marcelo Watanabe, Zé Luis, Silvio, Dri, Ivo, Marcião, Ivan, Renato Kiss, Guto, Fernando e Gustavo (Quo BR), Nivaldo, Nélson, Edgard, Normando (nº1 do blues), Magrão e Moacir, Jean, Mário, Mércia, George, Rodney.

índice

Especiais:

07 Status Quo
16 The Rolling Stones
03 O que se passava nas garagens dos anos 60

Fun Fun Fun:

14 bandas que se foram antes do tempo

Seções:

23 música que veio do Brasil - Deodato
12 como se compra - Zappa
21 em tempo - Thin Lizzy
15 ou vai ou racha - Dr. Feelgood
22 pérola escondida - Widowmaker

o que se passava nas garagens dos anos 60

Nada tem mais a ver com o Rock, do que a picaretagem. Adolescentes frustrados e revoltados, guitarras baratas e energia primitiva, aliada a sagrada dose de picaretagem, somam o que o Rock tem de melhor. As bandas de garagem dos anos 60 ainda exercem inspiração em tudo o que aparece por aí, basta dar uma ouvida nos Strokes e Hives da vida, para sacar a influência. Isso sem falar na onda Punk da segunda metade dos anos 70, na New Wave dos anos 80 e no grunge dos anos 90.

Desde os primórdios do rock, mais precisamente na década de 50, sacanagem é o que não faltava. Chuck Berry ia preso por roubar carros e andava com garotas menores de idade (assim como Jerry Lee Lewis), ao mesmo tempo em que criava o "fraseado" de guitarra de deu o pontapé em tudo. Eddie Cochram "traçava" desde a secretária do estúdio, até a esposa do presidente da gravadora, e isso já era algo corriqueiro na vida dos primeiros astros do Rock. Não que seja legal abusar de menores e roubar carros, mas o que vale a pena ressaltar, é como essa vida desregrada sempre influenciou na música criada por tais artistas.

Com a chegada dos anos 60, e da British Invasion, que consistia na invasão do território americano por bandas inglesas, como os Beatles, os Stones, os Animals, os Kinks o Who e muitos outros; os jovens americanos sofreram um gigantesco baque. Os ingleses eram jovens, cabeludos, e tocavam guitarras como niguém naquele país tinha tocado até então (Hendrix só estourou nos EUA em 1967). O ano era o de 1964, e uma nação de jovens passaram a comprar instrumentos, deixar o cabelo crescer e a chamar os amigos da escola e da rua para fazer barulho na garagem do garoto, que de preferência, tivesse o pai mais gente fina. A América era extremamente conservadora nessa época, e não era nada favorável a essa famigerada legião de freaks cabeludos com suas roupas coloridas e guitarras distorcidas. Era uma barra montar uma banda de rock até então.

Em termos de sonoridade, o que essa garotada começou a fazer, era um som extremamente crú e deliciosamente amador, baseado nas influências R&B e beat (das bandas inglesas), e depois nas próprias raízes americanas como o blues, o rockabilly e a surf music. Apesar das influências, as bandas de garagem se inspiravam mais na atitude e na postura, do que em qualquer estilo específico - roubavam na cara dura os trejeitos e manias de seus ídolos.

Os instrumentos eram os mais toscos possíveis; sem dinheiro e sem incentivo dos pais, muitos jovens passaram a "montar" seu próprio instrumento, com peças de sucata e tudo mais. A molecada experimentava e pesquisava bastante novos sons e efeitos. Os órgãos portáteis "Vox" e "Farfisa", as guitarras "Danelectro", os pedais de efeito "Fuzz", e o baixo criando uma verdadeira muralha sonora - resultado da definitiva aceitação do baixo elétrico no Rock - são características exclusivas dessas bandas. Cada ensaio e cada nova versão de um hit britânico, era uma descoberta diferente (esse anseio pela sonoridade e pesquisa de novos sons veio a ser crucial na onda psicodélica que viria a surgir poucos anos depois, na costa oeste Americana).

Nessa altura, as bandas de garagem já pipocavam por toda a América. A Califórnia e o Texas eram os estados que mais tinham bandas por metro quadrado; seguidos de perto por Detroit, Chicago, e Minneapolis. Muitas dessas bandas nem chegaram a gravar um compacto sequer, outras emplacaram um só hit e desapareceram; demonstrando um fenômeno bastante comum até os dias de hoje.

Antes do "mapeamento garageiro", é bom lembrar que até idos de 1972, o estilo ainda era marginalizado e desprezado pela crítica especializada e pelo grande público. Tudo mudou quando o jornalista e guitarrista Lenny Kaye (que se tornaria o guitarrista da Patti Smith Group anos depois), compilou em dois LP'S os maiores clássicos das bandas de garagem dos anos 60. A bolacha foi batizada de "Nuggets" e se tornou objeto de desejo para colecionadores do mundo inteiro. A partir daí o estilo passou a ser respeitado e conhecido internacionalmente.

Nessa edição estaremos comentando somente as bandas americanas, que são as que deram origem ao movimento. Nas próximas edições estaremos abrindo espaço também para as bandas de garagem do mundo inteiro, inclusive as brasileiras e as Latino Americanas.

MEDUSA RECORDS

Especializada em
Som de Garagem
dos anos 60 - Psicodelia
Hard Rock - Progressivo

CD's - DVD's - LP's - BOOKS

Fone/Fax: (11) 223-9845

Atendemos via correio para todo o Brasil

Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 279
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

STAND UP

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

www.standup-music.com.br

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 9126-1127

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

Norte - Oeste

Era a região de muitos músicos veteranos, que estavam mais dispostos a combater a British Invasion, do que assimilar o movimento como influência. The Sonics, The Wailers, Paul Revere and the Raiders, The Kingsmen e Don and the Goodtimes eram o que a região tinha de melhor.

Os Sonics eram liderados pelo selvagem e mal humorado, Gerry Roslie, que certamente inspirou Lux Interior dos Cramps. A banda criou verdadeiros hinos da garageira como "Psycho", "The Witch" e "Boss Hoss".

The Wailers (os primeiros a usarem o nome, antes dos jamaicanos da trupe de Bob Marley) tiveram o seu primeiro sucesso ainda em 1959(!), com a música "Tall Cool One".

Os Kingsmen foram responsáveis pelo maior hit do movimento, "Louie Louie". Uma verdadeira obra prima da tosquice - a música chegou a ser investigada pelo FBI - que julgou a letra como "inadequada aos padrões morais Americanos". O resultado foi que a faixa foi banida de várias rádios do país, o que foi um genial motivo para a molecada cair matando em cima, e transformar a canção num verdadeiro hit.

O que a região tinha de melhor, foi talvez Paul Revere and the Raiders, que trazia além de Paul, Mark Lindsay. Os principais momentos foram "Kicks", "Steppin' Out" e "Hungry".

Uma das carreiras mais curiosas do rock, é a do grupo The Monks (não confundir com os Monkees). O The Monks era muito mais animal e divertido. Os caras apesar de serem norte-americanos, formaram a banda enquanto prestavam o serviço militar numa base americana situada na Alemanha. O som da bateria parecia mais uma marcha militar misturada com "Polka", muito "feedback" de guitarra, e ainda um banjo elétrico! Completando essa bizarrice toda; os caras se apresentavam vestidos de monges, e tinham um corte de cabelo engraçadíssimo. Genial! Infelizmente o grupo acabou prematuramente em 1967, e os EUA sempre ignorou a música dos Monks.

Outra sensação do mundo garageiro, os The Barbarians; tinham um baterista que só tinha uma mão, inclusive ele usava um "gancho" ao invés da mão, assim como o capitão gancho. Musicalmente, o que chama mais a atenção, foi a banda ter gravado uma música chamada "Linguica" (sic) que nada mais era uma versão instrumental para "Mamãe eu quero"(!). Inacreditável.

São Francisco

A banda mais bem sucedida comercialmente da região foram os Beau Brummels, que tinham um certo apelo pop, acrescido de influência folk e do beat de Liverpool (Merseybeat). Destaque para os vocais de Sal Valentino e para as músicas "Don't Talk to Strangers", "Laugh Laugh" e "Just A Little".

San Jose foi berço da Chocolate Watch Band, banda que abusava de longas jams psicodélicas; e fazia também, hora folk-rock com competência "Baby Blue", hora sonzeiras a lá Stones, "Let's Talk About Girls". Outras bandas de San Jose também tiveram seus 15 minutos de fama (local), como The E-Types, The Mourning Reign e The Brogues. Já o Count Five chegou a ter êxito nacional com "Psychotic Reaction", e o The Syndicate of Sound com sua "Hey Little Girl" que foi regravada pelos Dead Boys nos anos 70.

De Sacramento vinha o Oxford Circle, que tinha como batera Paul Whale, que mais tarde viria a "judiar" das peles no Blue Cheer (um dos seminais trios que foram base para o Heavy Metal).

Os The Golliwogs, que depois foram batizados como Creedence Clearwater Revival, também vinham dessa região, e só recentemente saiu material da banda em formato digital; com a inclusão de um CD inteiro dedicado aos Golliwogs no Box Set do Creedence.

Los Angeles

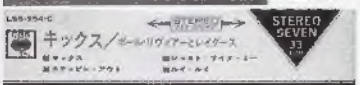
Talvez a cena mais forte do som garagem dos anos 60. Foi palco para a explosão de bandas como The Seeds, The Standells e The Music Machine.

O The Seeds serviram de influência para os Doors, que "chuparam" o formato de banda de rock com órgão Vox, guitarra, bateria e vocal. Tinham como líder Sky Saxon, um verdadeiro "xarope" que passou a ser cultuado por toda a Califórnia. A sonoridade do grupo vinha recheada de arranjos primitivos, e criaram clássicos como "I Can't Seem To Make You Mine", que foi regravada pelos Ramones em seu disco Acid Eaters.

No The Music Machine, o que impressionava era o visual; todos estavam sempre vestidos com roupas pretas, e tinham um corte de cabelo no melhor estilo "tijela". Seu maior sucesso foi a música "Talk Talk".

Já os The Standells, chegaram a abrir shows dos Stones e lançaram uma das músicas mais ouvidas no verão de 66, "Dirty Water", que na verdade foi composta pelo produtor da banda, Ed Cobb. Foi Ed inclusive, que ofereceu e ensinou os garotos a utilizarem um pedal FUZZ na guitarra, criando aquele maravilhoso timbre de "abelha se barbeando". Outras pérolas dos Standells são: "Try It" e "Sometimes Good Guys Don't Wear White".

Os Electric Prunes vinham de Seattle, mais estavam morando em LA na época. O maior mérito do grupo foi ter participado da trilha sonora do filme "Easy Rider" junto com Steppenwolf e Jimi Hendrix.



Texas

Com uma cena mais demente e agressiva do que a de LA, os texanos se chapavam de ácido e se divertiam criando música tosca e psicodélica.

Os The 13th Floor Elevators, liderados por Roky Erickson, eram insanos e arruaceiros. Se tornaram um "orgulho texano".

Outra banda local, os Moving Sidewalks faziam uma música ao mesmo tempo psicodélica e progressiva, cortesia de seu então guitarrista - ninguém menos do que Billy Gibbons - que mais tarde viria a liderar o mais conhecido trio texano, o ZZ Top. O curioso é que o Moving Sidewalks chegou a abrir algumas apresentações de Jimi Hendrix pelo Texas. O próprio Hendrix elogiou muito o guitarrista, e lhe deu de presente uma Fender Stratocaster cor de rosa, que até hoje é guardada a sete chaves por Gibbons.

Também do Texas é o divertido Sam The Sham and The Pharaohs, que emplacaram nada menos do que uma maravilha do som garagem, "Wooly Bully".

Não menos importantes para a cena, foram as bandas The Sir Douglas Quintet e o Five Americans. A primeira tinha como destaque o genial tecladista Augie Myer, e misturavam country e R&B com som garagem. Já os Five Americans eram especialistas em melodias "grudentas".

Detroit

Essa cidade se tornou um capítulo a parte na história do rock, tamanha o número de bandas e influência a nível mundial causada pelas mesmas. O som de Detroit é único e inconfundível.

Terra das indústrias automobilísticas e da Motown, Detroit tinha fatores extremamente favoráveis ao surgimento de novas bandas. Bons estúdios e incontáveis clubes e casas noturnas ideais para pequenas apresentações. Na época, em Detroit, ninguém era maior do que Mitch Ryder and the Detroit Wheels; "Good Gooly Miss Molly" e "Jenny Take A Ride" eram tocadas a exaustão por todo o país.

Os The Iguanas faziam versões de clássicos da surf music, e dos Beatles. O mais curioso é que o batera dos Iguanas era um tal de Jim Osterberg, que mais tarde se transformaria em Iggy Stooge (depois Pop) e formaria um dos maiores holocaustos sonoros do rock, os The Stooges.

Também de Detroit e redondezas, surgiram os grupos: The Bob Seger System, Ted Nugent Amboy Duke's, Terry and the Pack (que se tornaria o Grand Funk Railroad), o Frost (com Dick Wagner nas guitarras, que depois se tornaria session man de Alice Cooper e Lou Reed entre outros), e uma das bandas que mais influenciaram o Punk Rock: o MC5.

Curiosamente, um dos maiores hits locais era "96 Tears" da banda " ? And the Mysterians", que era um grupo formado em sua maioria por mexicanos que moravam no Texas, mas sabiamente se mudaram para Detroit nessa época.

Chicago

Nada como uma banda local, para fazer geniais releituras para o tão famoso blues elétrico de Chicago. A banda que melhor desempenhou esse papel foi o The Shadows of Knight. O grupo também estava antenado com o que estava rolando do outro lado do Atlântico, e regravou "Gloria" dos irlandeses do Them de Van Morrison.

O The New Colony Six, também foram outra banda seminal de Chicago. Ao contrário dos Shadows of Knight, a especialidade deles era o pop psicodélico e o proto-punk. O grupo influenciou bandas do fim dos anos 70, como o The Knack e The Romantics.

Minneapolis

A banda que colocou Minneapolis no mapa das bandas de garagem, foi o The Trashmen, com seu demente hit "Surfin' Bird". Ninguém da cidade conseguiu tamanho reconhecimento na época. Os que tentavam seguir na linha dos Trashmen eram os The Gestures e os The Castaways.

Outra grande banda da cena local, The Litter, tinham uma sonoridade deliciosamente agressiva. O vocalista Denny Waite parecia que "rosnava", enquanto a guitarra gemia numa alucinate combinação de fuzz e feedback's. O ponto alto da banda foi o compacto "Action Woman".

Nova Iorque

Canções mais elaboradas, carregadas de Fuzzy-guitar, alguns efeitos sonoros e jams alucinantes, essa era a tônica do Blues Magoos. No repertório da banda se destaca "Pipe Dream" e "We Ain't Got Nothing Yet".

Em termos de influência para o punk e afins, vale lembrar que o Velvet Underground veio de Nova Iorque; e que tanto Lou Reed, como John Cale tocavam em bandas de garagem antes do Velvet. Alguma dessas bandas eram os The Primitives, The Roughnecks e o Beechnut.

Ohio

Basta dizer que os The McCoys eram de Ohio, e tinham como líder, o jovem Rick Derringer. O maior hit foi mesmo "Hang On Sloopy", seguido de "Fever". Outras bandas da região eram os The Outsiders e o The Music Explosion.

Nuggets: Original Artyfacts From the First Psychedelic Era, 1965-1968

LP duplo, Elektra Records 1972.

Que seja louvada a atitude e coragem do guitarrista e historiador musical, Lenny Kaye (que depois se tornaria o guitarrista da Patti Smith Group), em pleno ano de 1972! O rock progressivo vivia seu auge, e bandas como o Yes e ELP eram endeusadas. Os astros de rock eram mais inatingíveis do que nunca e só mesmo um louco para lançar um disco com bandas obscuras, barulhentas e com arranjos primitivos. Kaye junto com o fundador da gravadora Elektra, Jac Holzman, pinçaram (num LP duplo) 27 faixas do período mais empolgante do rock n' roll. Hoje em dia, é fácil achar material dessa época, pois várias gravadoras como a "Rhino", a "Sundazed" e a "See for Miles" são especialistas em resgatar esse período. Em 1972, era praticamente impossível, ainda mais que quase todas essas músicas compiladas eram de compactos - imaginem só a dificuldade. O mais importante é que com o disco, Kaye conseguiu trazer o som de garagem para uma nova geração. A molecada que estava cansada de rock arrogante e pretensioso, adotou o estilo, formaram bandas e criaram o movimento que abalou o mundo da música: o Punk Rock.

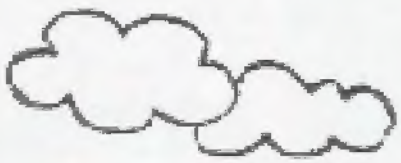
Nuggets: Original Artyfacts From the First Psychedelic Era, 1965-1968

Box 4 CD'S, Rhino 1998

Em 1998 a Rhino relançou o disco original numa luxuosa caixa. O primeiro CD consistia do antigo LP na integra; já os três demais somavam 91(!) bonus tracks do mesmo período. Tudo acompanhado de um livro de 100 páginas que além de trazer os comentários originais de Kaye (como no LP), trazia também novos comentários sobre as bandas apresentadas. Ao todo são 118 músicas, e não precisa nem dizer que a caixa é no mínimo obrigatória para quem quer entender o rock dos anos 60, e sua estrondosa influência nas gerações seguintes. Em 2001, a Rhino também lançou "Nuggets: Original Artyfacts From the British Empire and Beyond", onde aparecem somente bandas de garagem não americanas. Tem até Mutantes, e os uruguaios Los Shakers.

Chocolate Watch Band

The Iguanas com Iggy Pop na bateria



nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Garage Rock Anos 60 - Hard Rock
Psicodélico - Progressivo - Metal

Fone: 3078-7051

www.nuvemnove.com.br

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi
São Paulo - SP

rebeldia genuinamente inglesa

Pela primeira vez na história, os roqueiros brasileiros (sejam eles novos ou de meia idade), tiveram a chance de conferir ao vivo, essa verdadeira "entidade" do rock britânico. Duas Fenders Telecasters, três acordes, jeans surrados e um baita tesão por estar fazendo pura e unicamente rock n' roll 40 anos depois. Senhoras e senhores, a banda que rejeitou o Glam e o Progressivo em seus tempos áureos: The Status Quo.

O que anda rolando

Aqui no Brasil, muita, mas muita gente mesmo, curtiu a beça os LP's do Quo nos anos 70. "Down Down", "Roll Over Lay Down", e "Rockin' All Over The World" eram sagradamente tocadas em bailes e festinhas tão em voga naqueles tempos. Hoje, a primeira pergunta que vem a mente é: _ "Daquela época, quem que ainda está na banda?".

A resposta não poderia ser melhor; Francis Rossi e Rick Parfitt. Ou seja, o "Jagger e Richards" deles. Apesar de modismos e altos e baixos da indústria fonográfica, a dupla continua empunhando suas Telecasters, e literalmente mandando bronca, no que eles sabem fazer de melhor – o puro Rock N' Roll. Se a ficha ainda não caiu, "o loiro e o moreno" ainda estão na banda! São os dois guitarristas, vocalistas e frontmans do bom e velho Quo.

Tudo tem que ter um começo

Tudo tem início em 1962, quando Francis Rossi e o baixista, Alan Lancaster, se unem para formar um grupo chamado The Scorpions (muito antes do outro Scorpions alemão). Depois de algum tempo de garagem, a banda passou a se chamar The Spectres, e logo com a mudança de nome, passaram a se ligar mais em guitarras, graças ao rock de Cliff Richard (na época um verdadeiro "Elvis" inglês). Nessa época conhecem o baterista John Coghlan, que tocava em outra banda das redondezas, o The Cadets. A sonoridade psicodélica da época "pedia" por teclados, e descolam o veterano Roy Lynes para a função. E como toda boa banda iniciante de rock, topavam qualquer parada; tocando em praticamente todas as festinhas e pubs da região de Beckenham, na Inglaterra.

Em 1966, assinam com a gravadora Pye, que lançou o primeiro single dos rapazes, "Hurdy Gurdy Man" (mais de um ano antes do hit homônimo do Donovan). Ao mesmo tempo em que mudam o nome para The Status Quo, o então empresário dos rapazes na época, John Schroeder, decide que Rossi precisava de um vocal de apoio. Sábia decisão, pois é com essa finalidade que convocam Rick Parfitt - que tocava em cabarés da região - para dividir as funções de vocalista e de guitarrista com Francis Rossi.

Lançam seu primeiro single como Status Quo em 1968, "Pictures Of Matchstick Men", que rapidamente virou sucesso, inclusive aqui no Brasil. Prova maior disso, foi o lançamento de um compacto gravado pela banda brasileira "Os Cardeais", contendo uma versão de "Pictures" no lado A.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico: bastou um single estourado para a gravadora investir num álbum inteiro dos rapazes, que se chamou "Picturesque Matchstickable Messages From The Status Quo". A gravadora tentava passar uma imagem de banda bem comportada, o que deixava os músicos furiosos, e quase culminou com o fim do grupo. Ainda nessa praia, sai "Spare Parts" em 1969, que literalmente não deu em nada.

Os shows se tornam mais interessantes, pois passam a abrir para o Fleetwood Mac de Peter Green e para o Chicken Shack de Stan Webb, que quando viu o Quo no palco exclamou: "Que lixo é esse que vocês estão tocando?" A banda começou a perceber que algo estava errado, aquele definitivamente não era o som que eles queriam fazer. Nesse clima lançam mais um álbum, "Ma Kelly's Greasy Spoon" em 1970.

A virada em busca do sagrado rock n' roll

Em Londres um verdadeiro "revival" do rock n' roll dos anos 50 estava rolando; os jovens estavam meio aborrecidos com aquele tipo de bandas folk-psicodélicas. A influência de Chuck Berry estava por todos os lados, os Stones tocavam suas músicas, Jimi Hendrix tocava suas músicas, e o próprio Berry abria shows do The Who no Royal Albert Hall. Isso tudo, levou o Quo a acreditar piamente em seu próprio som - que era o rock de três acordes - e a mudança foi inevitável. Roy Lynes é dispensado (para que teclados agora!), e já em 1970 estavam totalmente convertidos ao rock e ao boogie. Justamente nessa época que aparece na vida deles um novo "tour manager", Bob Young; que se tornou o principal parceiro de Rossi nas novas composições da banda. Bob sempre foi considerado o 5º membro do Quo, e sempre participou da maioria dos discos do grupo.

Rossi se aborrece com a cena mod inglesa, que tinha como ídolos, obscuros artistas negros da soul music americana. O guitarrista assumia nunca ter ouvido tais artistas, e o Quo num ato de rebeldia, já negava toda uma cena em favor da sua própria sonoridade.

Batizam seu novo disco com o bizarro nome de "Dog Of Two Head", em 1971. O som passa a ser mais violento, apesar das pitadas de psicodelia em algumas passagens. A nova e melhor fase ainda estava por vir, e para tanto, mudam de gravadora - passando a trabalhar com a Vertigo - uma subsidiária da Phonogram que era a "casa" do Black Sabbath, do Uriah Heep e do Gentle Giant, ou seja, um selo muito mais familiarizado com o rock pesado da época.

A consagração definitiva

Com tudo a favor e no mais alto astral, a banda entra em estúdio e pela primeira vez, resolve se auto produzir. O resultado não poderia ser outro, e "Piledriver" é lançado em 1972, marcando definitivamente o tão peculiar "estilo Quo de tocar". O disco é matador em todos os sentidos, e uma versão para "Roadhouse Blues" dos Doors se torna o primeiro hit do álbum, seguido por "Paper Plane". O sucesso finalmente batia na porta do grupo, depois de anos e anos de luta e insistência. Agora como uma das maiores revelações da cena inglesa, em tempos que todos só queriam saber de coisas como Bowie, T.Rex e Yes - o Status Quo impunha violentamente sua agressiva sonoridade, arrebatando uma verdadeira legião de fãs por todo o continente.

No auge, o grupo ainda lança outra pérola - "Hello" de 1973 - que mantinha o mesmo pique do anterior. Os shows passam a ser cada vez mais concorridos, afinal a presença cênica da banda era das mais impressionantes. Com o sucesso e a fama, as drogas e o álcool também começam a marcar presença em suas vidas.

Uma tensão começa a surgir dentro da banda, o fato da maioria dos hits do Quo até então terem sido escritos pela dupla Rossi/Young, causa um certo misto de inveja e ciúme nos demais integrantes. Toda essa confusão reflete no álbum seguinte, "Quo" de 1974, onde a maioria das composições passam a ser de autoria de Parfitt e Lancaster. Os "novos" compositores não conseguem repetir a boa fase dos dois discos anteriores, e agora a banda soava um pouco repetitiva e levemente sem inspiração.

Para o disco de 1975 "On The Level", Rossi e Young assumem a liderança novamente, e o resultado é 100% Staus Quo do começo ao fim. Quanto às composições, a confusão continuava, com cada integrante mais Bob Young, querendo colocar pelo menos duas composições de própria autoria por disco. É exatamente isso que aparece em "Blue For You" de 1976, onde todos com exceção do baterista, assinam as composições. Talvez o disco mais porrada da banda, que refletia todo o estado mental dos integrantes, ou seja, a mil por hora, com shows agendados por todo o país. Nessa altura, são garotos-propaganda da Levi's, pois os jeans surrados passam a ser marca registrada da banda (basta conferir a capa de "Blue For You").

Fazem três memoráveis shows no Glasgow Apollo, em outubro de 1976, que até hoje não são esquecidos pelos fãs ingleses e escoceses que lá estavam. Gravado justamente nesses históricos concertos, o duplo "Status Quo Live!" é lançado em 1977, bem no meio da explosão do Punk Rock na Inglaterra. Ao contrário das bandas mais "pomposas", o ambiente até que era favorável ao Quo, pois além do disco ao vivo trazer versões quase punks para os hits do grupo, os mesmos eram tratados como ídolos "do povo" pelo público inglês - estavam acima de qualquer suspeita.

quo picks!

Dog Of Two Head 1971 ***1/2

Disco de transição, onde ainda aparecem resquícios da fase psicodélica, como em "Gerdundula", e na introdução de "Someone's Learning". Por outro lado, o boogie já rola solto em "Umleitung", "Something Goin On In My Head" e "Railroad". Curiosa é uma musiquinha (no sentido de pequena duração) chamada "Nanana". Trata-se de um simples folk, bem no estilo britânico, que aparece várias vezes no decorrer do álbum.

Piledriver - 1972 *****

O mais vigoroso e crú disco da banda. Foi com ele que o Quo estourou no mundo inteiro, graças a uma releitura para o clássico "Roadhouse Blues" dos Doors. Nessa virada rumo ao rock básico e pesado, o grupo também não esquece de cometer belas baladas, no melhor estilo Beatles, como "A Year" - blues em "Unspoken Words" - garageira da melhor qualidade em "Don't Waste My Time", e uma verdadeira barreira sonora em "Paper Plane". A capa também é histórica, mostrando bem o pique dos caras no palco.

Hello! - 1973 *****

Que alegria! Esse aqui só tem sonzeira da boa! Da visceral abertura com "Roll Over Lay Down", passando por "Caroline", "Blue Eyed Lady" e a monstruosa "Forty-five Hundred Times", com seus 10 minutos de duração, onde o Quo levava as últimas conseqüências o seu peculiar estilo. Ao vivo a música se estendia por até 25 minutos!

Quo - 1974 ***

Um disco diferente dentro da imensa discografia da banda. Pode ser chamado do disco mais progressivo (!) do Quo. A dupla de compositores oficiais, Rossi/Young, cede espaço para Parfitt/Lancaster, que dominam o álbum. O destaque é a mini-suite "Backwater".

quo picks!

On The Level - 1975 ****

Trazia o hit "Down Down", os quatro melhores minutos da carreira do Quo. Em pleno 1975, a banda já fazia punk da melhor qualidade, e fora isso já eram considerados verdadeiros heróis da classe operária inglesa (como toda boa banda punk deveria ser). O disco marcava também a volta da dupla Rossi/Young,como compositores oficiais.

Blue For You - 1976 ****

O disco mais sincero e rápido do Quo. Tudo nele é urgente e direto, basta uma ouvida em "Is There A Better Way", para comprovar. Tem também ótimas canções como "Mystery Song". A faixa "Rain" até hoje faz parte do set list da banda, e tinha backing vocals bem no estilo do Queen. A Levi's cai babando na capa do disco, e contrata os rapazes para serem garotos-propaganda da marca.

Status Quo Live! 1977 *****

Lançado bem no meio da explosão Punk, o disco duplo ao vivo do Quo, pode ser considerado um marco. Extraído de shows em Glasgow, na Escócia, o repertório trazia versões mais energéticas e agressivas do que as apresentadas em estúdio Basta conferir "Big Fat Mama" e ter certeza que todo aquele barulho poderia ter saído de um "Kick Out The Jams" do MC5.

Rockin' All Over The World 1977 ***

Disco que divide as opiniões dos fãs, uns amam, outros odeiam. A verdade é que o disco marcou o início das famigeradas "crises internas", que a maioria das bandas de rock sofrem. Depois de um longo e próspero período se auto-produzindo, o grupo chamou Pip Williams para assumir os botões nesse disco. O resultado foi metais, arranjos de cordas, teclados, vocais femininos e o escanbau; coisas que não tinham (e ainda não tem) nada a ver com a sonoridade da banda. De bom, tem a vigorosa faixa título, e que os fãs de John Fogerty me perdoem, mas a versão do Quo, é de lascar!

Tudo que sobe, desce

Para o próximo disco de estúdio; resolvem tomar algumas decisões. Primeiro, depois de mais de cinco anos se auto-produzindo, resolvem chamar um produtor para cuidar das novas composições - Pip Williams - que já tinha trabalhado com o Moody Blues. Segundo - passam a incrementar o som - incluindo teclados e vocais mais suaves. O resultado está em "Rockin' All Over The World" também de 1977, que tinha como carro chefe a faixa-título de autoria de John Fogerty (ex-líder do Creedence Clearwater Revival). Os fãs não gostam do resultado e começam a criticar a banda, como relembra Rossi: "A gente recebia milhares de cartas dizendo: _"Que porra é essa que vocês estão fazendo?". A garotada simplesmente não acreditava que aquele Quo era o mesmo que fez "Blue For You" e o duplo ao vivo. Toda aquela violência sonora já não existia mais, e o disco novo tinha até reggae - como pode ser conferido na faixa "Baby Boy". Até hoje as opiniões dos integrantes divergem sobre o álbum; Parfitt, por exemplo, adora o disco até hoje, já Lancaster declarou: "Aquele disco foi o começo do fim. Cometemos um grande erro ao convidar um produtor naquela época em que vínhamos nos dando tão bem na produção. O cara (Pip Williams) veio com cordas, metais, vocais femininos, teclados e simplesmente arruinou nosso som!"

Maus bocados

Já numa total onda de baixo astral, lançam em 1978 "If You Can't Stand the Heat" e no ano seguinte (1979) sai "Whatever You Want". A popularidade da banda cai vertiginosamente, e a cocaína passa a ser prioridade para os rapazes. Em 1980 lançam "Just Supposin" e em 1981 "Never Too Late", quando o fiel escudeiro Bob Young abandona o barco depois de uma discussão com Rossi. Com o clima pesando cada vez mais, partem para Montreaux para iniciar as gravações do próximo disco, que viria a ser o "1+9+8+2". Durante as gravações, o batera John Coghlan estava tão chapado, que não conseguia gravar as músicas. Para piorar a situação - a banda resolve usar uma bateria eletrônica programável no disco - o que deixa Coghlan furioso a tal ponto de largar tudo e pegar um avião de volta para Londres. No meio de toda essa confusão é lançado o ao vivo "Live At The N.E.C.".

Pete Kircher assume a bateria, e Andy Bown é oficializado como tecladista. Em 1983 lançam "Back To Back" e conseguem um modesto sucesso com a balada "Marguerita Time", inclusive voltando a se apresentar no "Top Of The Pops" (uma espécie de Globo de Ouro dos ingleses). O engraçado é que Lancaster se recusou a aparecer no programa tocando tal música que ele particularmente odiava. Jim Lea do Slade foi chamado para a ocasião. Em 1984 partem para uma tour chamada "End Of The Road Tour", que culminou com um péssimo e arrastado show no Milton Keynes Bowl.

Parecia que o fim era inevitável, mais ainda assim topam o convite de Bob Geldof para abrir o Live-Aid em 1985, emplacando "Rockin' All Over The World" como música tema do festival. Quatro meses depois resolvem acabar com tudo, despedindo Lancaster, que por sua vez entrou na justiça para tentar ficar com o nome da banda.

Depois de muito quebra pau, o baixista não conseguiu nada, e hoje vive com sua esposa e filhos em Sidney na Austrália. Quanto a John Coghlan, ele formou o State Of Quo, que toca aos finais de semana por botecos enfumaçados da Inglaterra. O repertório consiste nos clássicos do Quo, tocado por amadores; picaretagem pura!

Aqualung
RECORDS LTDA.
AUDIO E VÍDEO

Enviamos para todo o Brasil via correio

http://www.aqualung.com.br
e-mail:aqualung@aqualung.com.br

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62
Loja 305 - São Paulo - SP - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898

A volta

Já o verdadeiro Quo, voltou com uma nova formação em meados de 1986. Com os novos integrantes, John "Rhino" Edwards no baixo e Jeff Rich na bateria, gravam "In The Army Now" que saiu ainda em 1986. A tour de promoção do disco ficou marcada por um curioso fato: O Quo, em menos de 24 horas, tocou em três países diferentes; Dinamarca, Inglaterra e Suíça. Os shows continuam aquela loucura de sempre, com a banda encabeçando o 25th Reading Festival de 1987. No ano seguinte lançam o álbum "Ain't Complaining", e fazem 14 shows no estádio olímpico de Moscou, tocando ao todo, para mais de 300.000 enlouquecidos fãs soviéticos.

A produção não para, e em 1989 sai "Perfect Remedy", seguido da coletânea "Rockin' All Over The Years" de 1990. Ainda no mesmo ano, dividem o palco do Knebworth Festival, com Pink Floyd, Genesis, Dire Straits e Paul McCartney, entre outros. No ano seguinte (1991), o lançamento do álbum "Rock Till' You Drop", coincidiu com a entrada do Quo no Guiness Book - o grupo tocou em quatro casas de shows espalhadas pela Inglaterra, num intervalo de apenas 11 horas! O fôlego dos rapazes não tem fim, e em 1992 sai o ao vivo "Live Alive Quo".

Depois de três anos afastados dos estúdios (o que para o Quo era uma eternidade), sai "Thirsty Work" em 1994. Como sempre, a banda cai na estrada onde fica até 1996, ano da comemoração dos 30 anos de Status Quo. Como se isso não bastasse, ainda lançam naquele mesmo ano mais um disco, "Don't Stop".

O susto

Na turnê de 1997, após tocarem no Japão e na Austrália, a idade começa a falar mais alto no que se diz respeito aos integrantes originais do Quo. Rick Parfitt sofre um ataque cardíaco e é submetido às pressas a uma delicada cirurgia cardíaca, para a implantação de pontes de safena. A operação rendeu o cancelamento de 20 shows em festivais ao redor da Europa, e um jejum de três meses afastados dos palcos. Sem condições de também encarar um estúdio, o jeito foi mesmo lançar uma compilação, "Whatever You Want – The Greatest Hits", onde em 2 CD'S, 41 hits eram passados a limpo. Vale lembrar que o Quo nesses anos todos, emplacou 44 hits na parada britânica, permanecendo por lá 380 semanas; sendo que somente os Rolling Stones e os Beach Boys ultrapassaram essa marca! Em 1999 sai "Under The Influence", e em 2000, "Famous In The Last Century", onde o Quo "coverizava" 16 clássicos do rock. O batera Jeff Rich deixa a banda, e é substituído por Matthew Lettley. No dia 1º de janeiro de 2002, finalmente é lançado o primeiro Box set do Quo, "Rocker's Rollin' – Quo in Time". A luxuosa caixa com quatro CD'S mais um livreto, passa a limpo toda a trajetória da banda (mais especificamente de 1972 até 2001, pois infelizmente, a primeira fase da banda foi ignorada).

Nessa nova tour que passou pelo Rio e por São Paulo, a troupe veio promover o disco "Heavy Traffic", lançado em setembro último. O que acontece no mundo fonográfico, suas modas passageiras, e aquelas tradicionais cobranças feitas por engravatados de gravadora - que não manjam nada de música - continuam não interessando nem um pouco ao Status Quo. "Heavy Traffic" mantém a tradição da banda, enaltecendo um sincero e genuíno orgulho que o grupo sempre fez questão de demonstrar – o simples fato de ser, e continuar sendo Rock N' Roll, quase 40 anos depois.

O tão falado "minidisc"só lançado no Brasil, onde o Quo divide a bolacha com os Kinks. Quem tem, chega a pedir 80 doletas pela belezinha. (Capa gentilmente cedida por Luis Antônio Torge "Rato")

Outra raridade; o compacto de 1968 da banda brasileira "os Cardeais". "Retrato de um homem Sozinho", nada mais era do que uma versão em português para "Pictures of Matchstick Men" do Quo. (Capa gentilmente cedida por Ray da Medusa Records)

A clássica presença de palco do Quo!

Francis Rossi

Nascimento: 29 de maio de 1949
Local: Forest Hill, no sul de Londres
Notas: Conhecido como "Frame" pelos outros integrantes do Quo, Francis é a cara da banda. Foi ele quem cantou e escreveu a maioria dos sucessos do grupo. Sua voz anasalada e seus solos de guitarra se tornaram a principal característica do Status Quo. Também gosta de estar sempre envolvido com a produção dos discos, e fora os trabalhos com o Quo, ele também produziu o primeiro disco solo do Graham Bonnet (ex-Rainbow, Alcatraz e Impelliteri) e o álbum do guitarrista John Du Cann. Em 1997, Francis lançou seu álbum solo, "King Of The Doghouse". Pelo lado pessoal, ele prefere ficar em casa ao invés de comparecer as festinhas e agitos tão comuns no meio musical. É um cara "bem família" atualmente, e tem 3 filhos de dois casamentos.

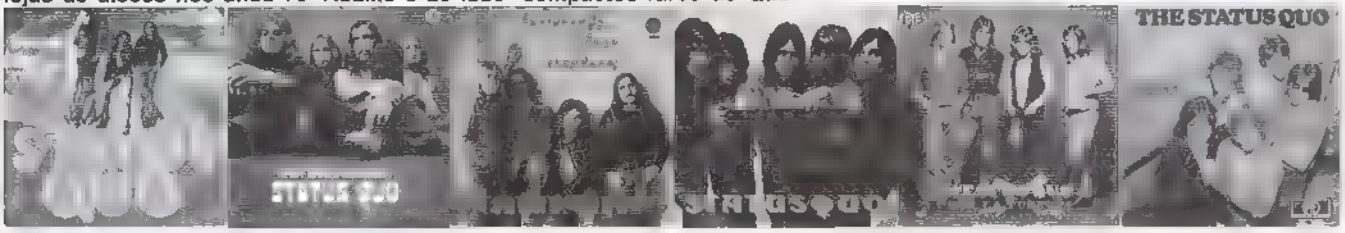
Equipamento: o verdadeiro amor de sua vida é uma Fender Telecaster verde, de 1957. Francis a adquiriu em 1968, e até hoje ela é sua preferida. Com o passar dos anos, algumas "partes" da sua guitarra foram sendo substituídas, a configuração dos captadores é semelhante a usada nas Stratocasters (com 3 captadores), o que ajuda no "sustain" e nos timbres. No estúdio ele usa dois gabinetes Marshall 4X12, e um JCM 800. Para efeitos nos shows ele utiliza um Roland GP8, com 5 tipos diferentes de distorção.

Rick Parfitt

Nascimento: 12 de outubro de 1948
Local: Surrey, Inglaterra.
Notas: Rick é considerado um dos melhores guitarristas base da Inglaterra. Seu estilo "sólido" também é marca registrada do Quo. É conhecido dentro da banda como "The Womon" (The Wild Old Man Of Rock and Roll), e escreveu clássicas canções da banda, como "Backwater" e "Rain" entre outras. Ao contrário de Francis, Rick sempre levou um estilo de vida roqueiro, aparecendo em festas, rodeado de belas mulheres, e belos carros também. Em 1985, Rick chegou a gravar um disco solo, "Recorded Delivery", que nunca foi lançado, porém algumas dessas faixas foram retrabalhadas pelo próprio Quo, e utilizadas em lados B de singles da banda. Passou por maus bocados em 1997, quando seu coração, literalmente quase parou de funcionar.

Equipamento: sua paixão é a Fender Telecaster branca, do ano de 1965. Os captadores são originais, e somente a ponte foi substituída, pois Rick "desce a lenha" quando toca, e uma frágil ponte original da Telecaster não iria agüentar. Quanto às cordas - a maioria dos guitarristas usa 0.9 ou 0.10 - Rick usa 0.14, que são talvez as mais grossas que se tem notícia. Ele também gosta de usar uma Gibson SG (basta ver a foto que está na parte de dentro, da edição original, capa dupla, do Piledriver em LP). Na estrada, Rick e Francis levam cerca de 18 guitarras, que são cuidadas pelo exímio roadie de confiança dos dois, apelidado de Tonto. As caixas e efeitos são idênticos aos usados por Francis.

No alto à direita: poster publicitário distribuído para as lojas de discos nos anos 70. Abaixo e ao lado: compactos raros do Quo



Como se compra Zappa?

São mais de 60 álbuns oficiais lançados pelo mestre.

Zappa costumava chamar sua obra de Projeto-Objeto, e um grande desafio para qualquer aficionado por música, é o estudo de sua vasta discografia. Solos de guitarra, improvisos incansáveis, discursos cômicos, contestamentos sarcásticos, sacanagem ou simplesmente pura gozação - tudo isso merece ser desbravado. Aqui estão os "dez primeiros a serem adquiridos". Para quem se habilita, aí vai...

Freak Out (1966)

Primeiro registro dos Mothers of Invention, que tinham Zappa como incontestável líder É pioneiro em todos os sentidos. primeiro disco duplo e conceitual da história do Rock, todas as faixas giram sobre um mesmo tema (uma revolução para a época), e foi nele que se ouviu pela primeira vez a guitarra com Wah-Wah. Em "Trouble Every Day", Zappa vomita toda sua revolta com a sociedade da época, onde diz "Não tem como curtir, com esses problemas aparecendo todos os dias". Passados 37 anos (!), a letra ainda cai perfeita nos dias de hoje.

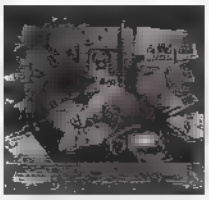
We're Only in It for the Money (1967)

Genial. A sangue frio, Zappa esfaqueia o flower power, o estilo de vida hippie, a alienação juvenil, os Beatles, a cultura da droga, e tudo o que aquela geração adorava. Todos os maneirismos musicais da época foram devidamente satirizados no disco: as vinhetas entre as faixas, a voz anasalada e tudo mais. A palavra "Punk" foi usada pela primeira vez (Flower Punk), e se por um lado Zappa tirava sarro de tudo, por outro, os Mothers faziam um dos mais mortíferos e ácidos coquetéis musicais. Misturavam música séria, eletrônica, jazz, doo woop e fragmentos falados do teatro absurdo, transformando tudo numa psicótica base rock n' roll. A capa, uma sátira a "Sgt. Peppers" dos Beatles, atrasou o lançamento em oito meses. Zappa pediu autorização para Paul McCartney que não gostou nada da idéia, e ameaçou um processo. A solução foi lançar o disco com a capa invertida e com um adesivo ensinando ao consumidor como desdobrá-la após a compra. Dica: fuja daquela primeira edição em CD da Ryko (com a capa original), Zappa regravou as partes de baixo e bateria para aquela ocasião, o que trouxe um som falso e moderno demais, para aquela loucura toda que era o disco original.

Hot Rats (1969)

Primeiro disco onde Zappa atinge estatus de "virtuoso". Basicamente instrumental, o álbum é precursor na fusão do jazz com o rock. Canjas de Jean Luc Ponty e Captain Beefheart valorizam o disco. A faixa de abertura "Peaches En Regalia" sintetiza, em menos de quatro minutos, toda a riqueza e musicalidade de Zappa. Curiosidade: ao contrário do que muitos pensam, não é o Zappa que está na capa do disco, e sim uma "groupie" muito chegada dele, que inclusive se tornou babá de sua filha Moon, até morrer de overdose em 1972

Overnite Sensation (1973)

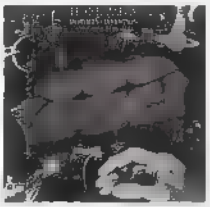


Depois de uma fase Jazz-Rock experimental, explorada a fundo com os discos "Waka Jawaka" e "The Grand Wazoo", Zappa obteve repercussão apenas entre músicos, pois comercialmente falando, ambos foram um fiasco. Era hora de mudar, e Zappa não exitou em formar um combo de primeira para esse novo projeto George Duke, Jean Luc Ponty, os irmãos Fowler (Tom e Bruce), e o casal Ruth e Ian Underwood, brilham nesse que era um disco mais acessível, e trazia temas que passaram a ser sempre executados nas apresentações ao vivo de Zappa dali por diante, como "Montana", "Dinah-Moe Humm", "I'm The Slime", "Zomby Woof" e "Dirty Love". Com esse disco Zappa passou a frequentar as paradas americanas de sucesso.

Apostrophe(') (1974)

Foi o disco de Zappa que alcançou a maior posição nas paradas americanas. Com ele Zappa se tornava o maior gozador da América, aqui descrevendo as peripécias de um eskimó chamado Nanook. Musicalmente o álbum é perfeito; basta checar a maravilha que é "Uncle Remus" e o primal baixo de Jack Bruce na faixa título. O único senão é a curta duração do disco

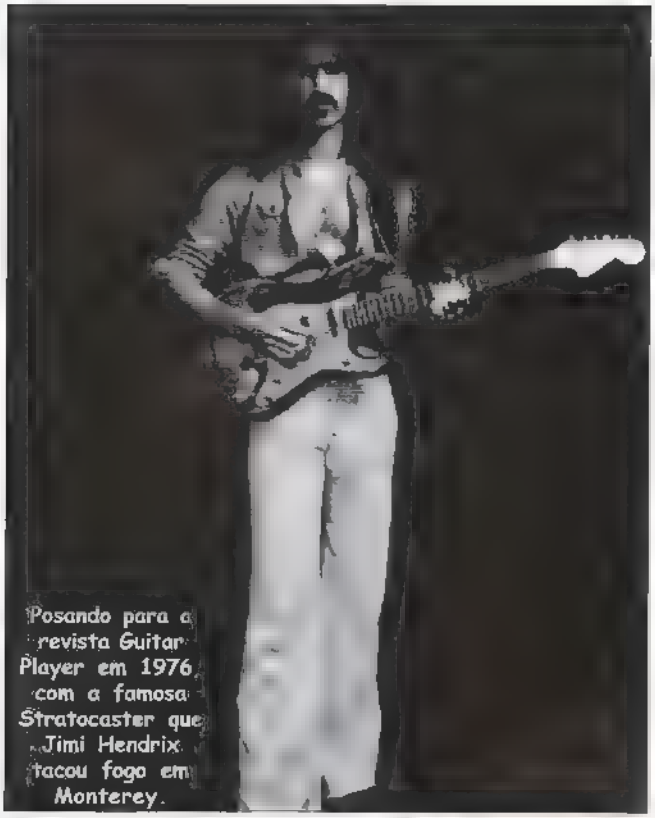
One Size Fits All (1975)



O preferido dentre muitos zappólatras, o disco é uma verdadeira viagem. O solo histórico de "Inca Roads", a maravilhosa valsa "Sofa", dividida aqui em duas partes, a pesadíssima "Florentine Pogen" e o balanço de "San Ber'dino" são o chamariz. Dessa vez o destaque vai para o batera/ monstro Chester Thompson, e para a interpretação de Johnny "Guitar" Watson.

Zoot Allures (1976)

A versão de Zappa par um simples disco de rock, onde o próprio dá um show tanto em composição como em atuação A formação que consta na capa não é a mesma que gravou o álbum; com exceção do batera Terry Bozzio. A sacana "The Torture Never Stops" e seus quase dez minutos de duração, é ideal para ser tocada durante aquele almoço de domingo com os avós! Na canção Zappa, além de tocar guitarra, baixo e teclados, recita o tema enquanto que uma garota geme durante toda a música. Uma pérola guitarrística é "Black Napkins", gravada originalmente ao vivo no Japão, onde Zappa tira sons inacreditáveis de sua guitarra. O bom humor peculiar do músico também se faz presente em "Disco Boy" e "Wind Up Workin' In A Gas Station".



Posando para a revista Guitar Player em 1976, com a famosa Stratocaster que Jimi Hendrix tacou fogo em Monterey.

Dividindo o palco com Lenn[illegible] e Yoko no Fillmore East em 1[illegible]

Num momento relax, na casa dos pais em 1970

Sheik Yerbouti (1979)

Na maioria das vezes, é com esse disco que os fãs começaram a ouvir Zappa (pelo menos os fãs que estão na casa dos 30). Talvez por ser o mais famoso disco do músico aqui no Brasil, graças ao enorme sucesso da faixa "Bobby Brown". Altamente recomendável, o álbum mescla gravações ao vivo e em estúdio. A influência Punk está a toda em "Broken Hearts are for Assholes" e "I'm so Cute". Adrian Belew está genial fazendo uma imitação de Dylan em "Flakes", e a disco music é devidamente ridicularizada em "Dancin' Fool". Importante: prefira a edição dupla em LP, pois contém a faixa "Wild Love" na íntegra; no CD ela aparece editada.

Joe's Garage Act I, II & III (1979)

Lançado originalmente como um LP simples (act I), e um duplo (acts II & III), hoje está disponível como um CD duplo, contendo os três atos. Uma excelência em ópera-rock. Aqui, Zappa se transporta para um futuro onde a arte de se fazer música é considerado crime. Uma fábula em contra senso a toda aquela desavença de Zappa com Tiper Gore e a PMRC. Justiça seja feita, Zappa mostra que está entre os maiores da guitarra, na quase new age "Watermelon In Easter Hay".

Strictly Comercial
The Best of Frank Zappa (1995)

O título diz tudo, só o que foi para o rádio. È lógico, que não tem sentido em se fazer uma coletânea de Zappa. Vale como presente para a namorada conhecer, ou para a sogra, que adora sertanejo (melhor ainda, dê o "Lumpy Gravy" para ela). Belo encarte e 19 excelentes faixas nessa compilação. Cuidado, a edição em CD não contém a música "Bobby Brown", sucesso "strictly" tupiniquim. Coisa fina: ponto para a edição em vinil, a bolacha além de ser dupla e conter duas faixas a mais que o CD (uma delas é "Bobby Brown"), ainda tem o charme de ser uma edição limitada e numerada.

"Um veículo fora do comum"

BARATOS AFINS
DISCOS

Pioneira dos Independentes
25 anos de descompromisso com o sucesso!

home page. http://www.baratosafins.com.br
e-mail: baratosafins@baratosafins.com.br

Fone: (11) 223-3629 - Fax: (11) 3361-3459

Av. São João, 439 - 2º andar - Lojas 316/318 - CEP: 01035-000
São Paulo - SP - Entrada também pela Rua 24 de Maio, 62

bandas que se foram antes do tempo

Falta de dinheiro, drogas, tretas com gravadoras e empresários - seja por qualquer um desses motivos, essas bandas não deram certo. Como aconteceu com o Velvet Underground na época, pouca gente os ouviu, mas os que ouviram, formaram uma banda. Reconhecimento: zero. Influência: tão grande que não pode ser medida.

The MC5 - proto-punk da melhor qualidade, o grupo acabou devido a problemas com drogas e mal empresariamento. Só deixaram três discos, que foram usados como cartilha na explosão punk inglesa de 76/77.

Moby Grape – a banda se queimou, graças a própria gravadora (CBS), que criou um gigantesco "hype" em cima do disco de estréia do grupo. O som deles pareceu meio básico demais em contrapartida às pomposas obras psicodélicas da época. Exerceram definitiva influência na cena new-wave do final dos anos 70.

The New York Dolls – esses alucinados sempre foram marginalizados pela crítica, e estavam longe de ser um sucesso de público (seus concertos estavam sempre vazios). Basta dizer que sem eles talvez não tivesse existido os Sex Pistols.

Dust – um dos mais poderosos e desconhecidos power-trios dos anos 70. Dois grandes álbuns e nada mais. O baterista se tornou um dos Ramones, e o guitarrista fez fama produzindo os dois primeiros álbuns do Kiss. A banda serviu como inspiração até para o Manowar!!!

Suicide – como um escuro pesadelo, o Suicide era formado pela dupla Martin Rev e Alan Vega. Com o primeiro disco de 1977, chamado simplesmente "Suicide", a banda se tornou referência para quase tudo o que foi feito em música eletrônica depois. Em seus históricos concertos, a dupla era sempre enxotada pelo público, que disparavam pedras, garrafas e cusparadas. Influenciou bandas de sucesso como o Depeche Mode e o Soft Cell, criaram o estilo "cold wave", muito usado posteriormente pelo Joy Division. Entre seus mais ardorosos fãs, estavam Joey Ramone e Ric Ocasek dos Cars.

Big Star – os compositores Alex Chilton e Chris Bell por raios do destino, nunca tiveram nenhum reconhecimento. A dupla funcionava genialmente, criando maravilhosas pop songs no melhor estilo Kinks/Beach Boys. Apenas três discos foram deixados como testamento, porém conseguiram a proeza de se lançar numa das melhores estréias do rock, o álbum homônimo de 1972.

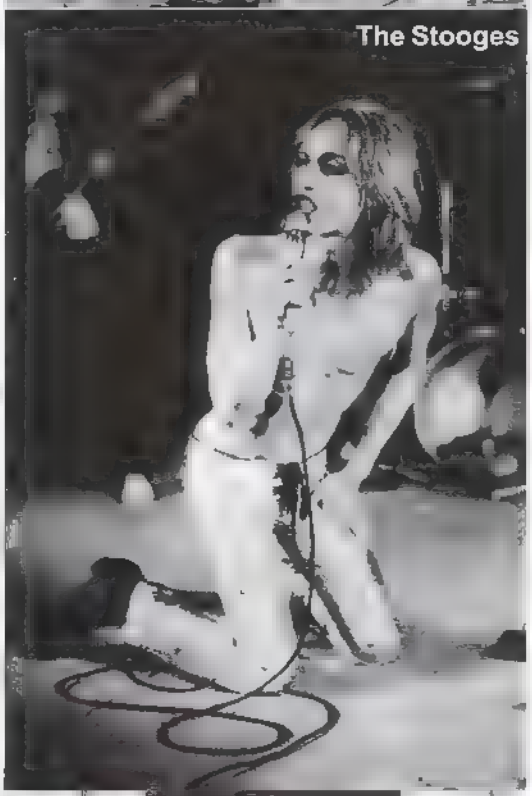
The Small Faces – Steve Marriott e Ronnie Lane formavam a maior dupla "Mod" da Inglaterra. O grupo durou apenas três anos. Bandas como o Who, foram muito mais bem aceitas comercialmente. Do Jam até toda essa atual fase do Brit Pop, todos devem muito ao Small Faces, que foram os primeiros a transportar o estilo de vida "Mod" para o disco.

The Stooges – visceral e seminal banda de punk rock liderada por Iggy Pop. Depois de três álbuns que mais pareciam um ataque terrorista cada um, o grupo acabou prematuramente. Uma das maiores influências pode ser sentida na fase "Ziggy" de Bowie.

The Bonzo Dog Doo Dah Band – mistura de paródia rock com comédia surrealista. Comercialmente, a fórmula nunca funcionou muito bem. Rastros de influência podem ser sentidos nos discos dos Sparks e dos Ramones.

The Zombies – o disco "Odissey and Oracle" é uma pérola bem escondida. Psicodelia-deprê era a tônica do grupo, que acabou lançando mais um disco antes de sucumbir da sua própria obscuridade.

Modern Lovers – um verdadeiro peixe fora d'água, esse grupo teve uma demo produzida por John Cale (ex Velvet e produtor do primeiro dos Stooges) em 1972. Essa foi recusada pela Warner, e somente quatro anos depois o pequeno selo "Beserkley" as lançou em forma de disco. Com esse álbum Jonatham Richman se tornou um verdadeiro líder anti-hippie.


The Stooges

The Small Faces

ou vai ou racha - Dr. Feelgood

Quem eles eram ?

A mais marcante formação consistia em: John Martin (bateria), John B. Sparks (baixo), Wilko Johnson (guitarra) e Lee Brilleaux (vocais e gaita)

O que faziam ?

Foram a maior banda de "Pub Rock" da história. Suas músicas eram pura celebração à bebedeira, também pudera, o vocalista Lee Brilleaux era bebum de carteirinha. Além de empunhar a gaita como poucos, Lee tinha uma marcante característica - cantava suas letras sempre com um olhar fixo e enfezado - parecendo querer arrumar uma briga a qualquer momento. O guitarrista Wilko Johnson tinha um estilo pra lá de peculiar, era uma verdadeira "figura", alternava palhetadas nervosas e constantes com frenéticas movimentações de palco, sempre levando o público à loucura. São definitivamente os mestres do "rock de boteco" O habitat da banda sempre foi a estrada, e era comum o grupo passar um ano inteiro se apresentando pelos bares da vida ao redor do mundo. Mantinham sempre uma fiel devoção a suas raízes blues e R & B Conseguiram formar uma verdadeira legião de fãs e admiradores, dentre eles, alguns famosos como Pete Townshend do The Who.

Agora eles são cultuados?

Nos anos 70, o Feelgood nunca teve o reconhecimento merecido, talvez por não ser uma banda com frescuras e "viadagens" comuns aos rock stars da época. O grupo exerceu grande influência na cena punk inglesa do final dos anos 70 e na cena americana de New Wave. Seu estilo total "volta as raízes", garantiu ao grupo, o estatus de banda "cult" no início dos anos 80 Dentre os mais ilustres seguidores do Dr. Feelgood; estão Ian Dury e o Eddie & the Hot Rods

E a história ?

Todos os integrantes já eram "calejados" de tocar nos botecos de Canvey Island em Essex, na Inglaterra, até formarem o Dr. Feelgood em 1971. A inspiração para o nome da banda, veio de uma canção de Johnny Kidd & The Pirates Em 1973 já eram a mais importante banda do circuito de pub-rock britânico, fazendo com que várias gravadoras se interessassem em lançar o grupo. Sorte da United Artists, que lançou em 1974, a bacana estréia do conjunto com o nome de "Down By The Jetty". No ano seguinte sai "Malpractice" e logo depois um registro ao vivo com o nome de "Stupidity", que se tornou um sucesso entre o público inglês Em compensação, na América, eles sempre foram ilustres desconhecidos. Em 1977 sai "Sneakin' Suspicion" que não consegue manter o pique dos anteriores, fazendo com que o guitarrista Wilko Johnson de xasse a banda no fim do ano, sendo substituído por John Mayo "Be Seeing You" sai em 1978, produzido por Nick Lowe, e no mesmo ano (78) ainda lançam "Private Practice", que trazia o infame hit "Milk and Alcohol" Em 1979 arranjam fôlego para mais três álbuns! "As It Happens", "Let It Roll" e "On the Job". Mayo deixa o grupo e é substituído por Johnny Guitar, que estréia em "A Case Of The Shakes" de 1980. Os dois membros originais, John Martin e John Sparks, deixam o grupo em 1982, alegando não agüentar mais a dura vida na estrada. Lee Brilleaux continuou carregando o grupo nas costas, lançando vários álbuns durante os anos 80 e começo da década de 90, até morrer de câncer na garganta em abril de 1994. Lee ainda deixou um último registro com o Dr Feelgood: "Down at the Doctors".

E a música?

Rude, generosamente crua e instintiva, ácida e corrosiva. Os singles mais certeiros são "Roxette", "I Can't Tell" e "Milk and Alcohol".

O que devo ouvir?

Down By The Jetty (1974) ****

Estréia dos caras em vinil. Gravado em mono, a bolacha trazia "Roxette" com sua irresistível levada

Malpractice (1975) *****

O melhor disco da banda, tem "I Can't Tell", "Riot In Cell Block 9", a sacana "Don't Let Your Daddy Know", além de uma genial recriação do clássico "Rolling And Tumbling"

Stupidity (1976) ****

Registro dos "suados" shows do quarteto Destaque para o pique quase punk das versões ao vivo dos hits do grupo

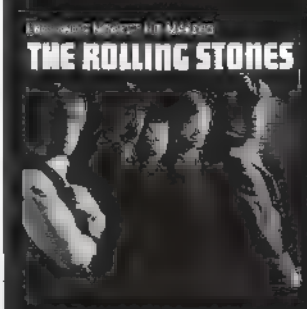
25 Years Of Dr. Feelgood (1999) *****

Excelente compilação dupla que traz 40 faixas gravadas durante toda a carreira do grupo

É PURO E TÃO SOMENTE ROCK N' ROLL, MAS A GENTE ADORA!!!!

São ao todo 22 discos relançados em formato digipak, todos remasterizados em SACD (Super Audio Compact Disc) - uma nova tecnologia que oferece uma alta definição e resolução sonora - para essa que foi, sem dúvida alguma, a fase mais inventiva, da mais sacana (em todos os bons sentidos da palavra) banda do planeta. Os relançamentos compreendem todos os álbuns lançados pela selo Decca/London/ABCKO, ou seja, do primeiro "England's Newest Hitmaker's" de 1964 até o ao vivo "Get Yer Ya-Ya's Out" de 1970. Na primeira prensagem, cada disquinho vem com um certificado de autenticidade (que mimo!), todos eles juntos formam a capa do "Their Satanic Majesties Request". Essa nova tecnologia pode ser apreciada tanto em aparelhos comuns, como em próprios aparelhos SACD. O único senão é que você não poderá ouví-los no seu computador. É bom ficar de olho bem aberto, pois as discografias inglesas e americanas diferem bastante em alguns casos, e alguns títulos foram relançados em ambas versões. O melhor de tudo, é que a Polygram brasileira prometeu para muito em breve, o lançamento do pacote aqui por nossas terras. Não é exagero dizer que todos são essenciais em qualquer coleção que se preze, afinal trata-se de um registro de uma época única dentro do rock; uma época onde uma simples banda que tocava standarts do rhythm'n'blues, passou a agregar elementos psicodélicos no seu som, e no fim dos anos 60 voltou-se as mais puras raízes do rock n' roll. Quarenta anos depois, tudo ainda é revolucionário, e até hoje cada vez mais garotos ainda amam os Rolling Stones.
Ladies and Gentlemen: The Rolling Stones.

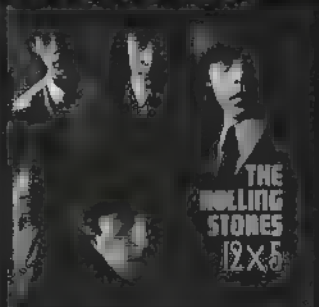
ENGLAND'S NEWEST HIT MAKERS (1964) US Version ***1/2



Antes de qualquer comentário, é importante ressaltar que essa versão em questão é baseada na versão original americana do álbum, que difere da inglesa em alguns aspectos.
Versão americana: lançada em 29 de maio de 1964 pelo selo London, com o título de "England's Newest Hit Makers". Trazia a faixa "Not Fade Away", e não continha a faixa "Mona (I Need You Baby)". Já a música "Tell Me" vinha com 2:59 minutos de duração, com um efeito "fade out" (aquele tradicional efeito que vai diminuindo o volume da música em seu fim), e sem o breque da guitarra.
Versão inglesa: lançada em 17 de abril de 1964 pelo selo Decca, somente com uma foto da banda na capa, sem nada escrito. Trazia a faixa "Mona (I Need You Baby)" e não continha "Not Fade Away". Já a faixa "Tell Me" aparecia mais longa com 4:08 minutos, sem o "fade", mas com o breque da guitarra presente. Esclarecidas as diferenças, vamos ao disco.
A estréia dos meninos não podia ser melhor, composto basicamente de standarts do rhythm 'n' blues americano, como dois clássicos da Motown "Walking the Dog" (que curiosamente outra banda, com um vocalista também "bocudo", gravou no seu disco de estréia), e "Can't I Get A Witness". Apenas uma canção de composição de Jagger/Richards aparece, a balada "Tell Me". E o legal mesmo, é a crueza de coisas como "I Just Want Make Love To You" de Willie Dixon. Reza a lenda que durante algumas das sessões de gravação para o disco, Phil Spector, Gene Pitney e Graham Nash se juntaram aos Stones e criaram coisas como "Andrew's Blues" e "Spector & Pitney Came Too", que para o desespero geral, nunca foram lançadas oficialmente.
Dica: não esquente porque somente a versão yankee do disco está disponível, a música "Mona (I Need You Baby)" aparece no disco "NOW ! " de 1965.

Nos anos 70(com Mick Taylor na formação)a demanda era tanta, que os Stones faziam dois shows na mesma noite.

12X5 (1964) ***



É o segundo disco norte americano da banda, contém material gravado nos estúdios Chess, de Chicago, durante os poucos dias de "descanso" que o grupo tinha enquanto fazia sua primeira excursão norte americana. Nunca foi lançado na Inglaterra, somente algumas de suas faixas apareceram no mercado britânico sob forma de "Rolling Stones no. 2" e "Five By Five EP". Já abre com um arrasa quarteirão, a cover de "Around and Around" de Chuck Berry (que se tornou um dos pontos altos da tour inglesa), e continha também os hits "Time Is On My Side" e "It's All Over Now". Tem blues lamacento à vontade, "Confessin' The Blues" e "Good Times Bad Times", e uma instrumental bacana, "2120 s. Michigan". Curiosidade: O lendário bluesman americano Muddy Waters, ajudou o grupo a carregar todo seu equipamento para dentro do Chess Studios!

THE ROLLING STONES NOW! (1965) ***

Disco lançado somente nos EUA, com intuito de ser a versão americana do disco inglês "The Rolling Stones No. 2". Continha gravações de 64 e 65, escolhidas a dedo pelo produtor do grupo, Andrew Oldham. Mostra mais do que qualquer outro disco da banda, as tão amadas influências do blues americano. Basta uma rápida ouvida em "Little Red Rooster", "Down the Road Apiece" e "Heart Of Stone", para perceber que os garotos não estavam de brincadeira. Versões para clássicos da soul music também aparecem, "Pain In My Heart" de Otis Redding, e "Everybody Needs Somebody To Love" de Solomon Burke, essa com uma impressionante atuação de Jagger. Com certeza é um álbum que deixou Brian Jones orgulhoso!

OUT OF OUR HEADS (1965) ***1/2

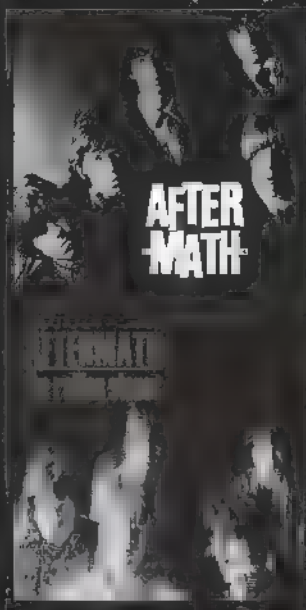
Se somente um motivo fosse necessário para justificar a aquisição desse disco, ele seria o hino "(I Can't Get No) Satisfaction", aqui em sua deliciosa versão original. O disco já estreou direto no topo da parada americana, onde permaneceu por três semanas; foi também o primeiro a ser gravado totalmente em estéreo. As composições da dupla Jagger/Richards aumentavam cada vez mais, dessa vez quatro faixas apareciam em meio as já tradicionais versões de clássicos do R&B. Confusão: As versões inglesa e americana do disco estão disponíveis nessa nova leva; a versão inglesa de "Out Of Our Heads" tem a mesma capa que o, exclusivamente americano "December's Children", ou seja, aquela foto com Brian na frente. Já o americano traz aquela foto com Keith no centro. Quanto ao repertório, ele também difere bastante entre as versões.

DECEMBER'S CHILDREN (AND EVERYBODY'S) (1965)***1/2

Lançamento dedicado ao mercado americano. Reunia dois singles de sucesso ("Get Off My Cloud" e "As Tears Go By"), e outras faixas inéditas até então na América. O disco foi o último a ser elaborado sobre total controle dos executivos da gravadora; o que veio a seguir já era totalmente idealizado única e exclusivamente, pela banda. As faixas "Talkin' Bout You" e "Look What You've Done" eram sobras daquelas famosas sessões gravadas no Chess Estúdios de Chicago; já "Route 66" e "I'm Moving On" foram gravadas ao vivo.

Stones em Super Audio CD

AFTERMATH (1966) ****1/2



É o pontapé do grupo em sua mais experimental e criativa fase; foi aqui que Brian passou a utilizar instrumentos exóticos (dulcimer e cítara) como peça fundamental no som da banda. Foi também o primeiro disco dos Stones a conter somente canções de Jagger/Richards, como "Under My Thumb", "Out Of Time" e "Lady Jane". A versão americana traz a maravilhosa "Paint It Black", no lugar de "Mothers Little Helper" da versão inglesa. Mancada: ainda continuam inéditas, 3 músicas gravadas durante as sessões do "Aftermath". São elas: "Looking Tired", "Track of My Tears" e "Aftermath".

GOT LIVE IF YOU WANT IT! (1966) **1/2

Primeiro e mais fraco registro ao vivo dos Stones. O duro é ter que ouvir aquelas histéricas garotinhas berrando pelos seus ídolos. Parece que a banda fez mais questão de mostrar o barulho gerado por tais garotas do que as músicas em si. O pior é que sempre rolou um boato de que algumas músicas do disco foram gravadas em estúdio, com o barulho da platéia adicionado posteriormente! O disco foi lançado somente na América, e ao contrário do que diz a ficha técnica, os shows aqui registrados não são do "Royal Albert Hall" de Londres, e sim foram tirados de duas noites no "City Hall" em Newcastle e mais duas no "Colston Hall" em Bristol.

BETWEEN THE BUTTOMS (1967)***1/2

A versão americana arrasa, pois traz o hino "Let's Spend The Night Together" e a delicadeza que é "Ruby Tuesday", no lugar de "Backstreet Girl" e "Please Go Home" da versão inglesa. Para remediar tamanha confusão, é bom esclarecer que as quatro músicas acima aparecem na coletânea "Flowers". A foto da capa é genial, inspirada em "Rubber Soul" dos Beatles, mostra que os Stones andavam bem no clima psicodélico da época. Desenhos do baterista Charlie Watts ilustram a contra capa.

FLOWERS (1967) ***

Mais uma compilação destinada ao mercado americano, que serviu para nada além do que "levantar uma grana" enquanto Jagger e Richards estavam detidos por porte de drogas. O que mais vale o investimento é a versão de "My Girl" dos Temptations.

THEIR SATANIC MAJESTIES REQUEST (1967) ***1/2

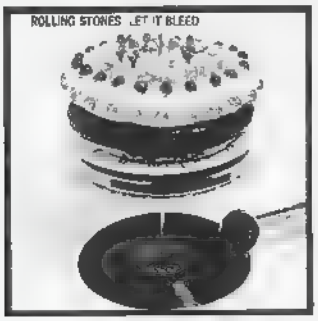
Apesar de muito malhado pela crítica e pelos fãs na época, hoje pode ser condiderado uma das mais belas viagens de LSD já feitas por uma banda. Suavemente esquisito na primeira audição, traz maravilhas do quilate de "She's A Rainbow", que contava com John Paul Jones, futuro Led Zeppelin no piano e arranjos; "2000 Man", que foi regravada pelo Kiss alguns belos anos depois; "2000 Light Years From Home", escrita por Jagger numa prisão em Brixton e "Sing this Altogether" com backing vocals de Lennon e McCartney. O título era uma paródia a inscrição contida nos passaportes britânicos: "Her Britannic Majesty Requests". Pena que essa reedição em SACD não reproduz o genial efeito holográfico contido na capa do LP original, onde até os quatro Beatles aparecem.

Stones em Super Audio CD

BEGGAR'S BANQUET (1968) ****

Uma primeira volta as raízes, que mescla sabiamente algumas faixas acústicas, como "No Expectations", "Dear Doctor" e "Prodigal Son", com as viscerais "Sympathy For The Devil" (nada mal para uma abertura de um disco de rock), e "Street Fighting Man". A famosa capa censurada do banheiro grafitado, foi motivo de muita confusão entre a banda e a gravadora Decca, e na verdade funcionou como "a gota d'agua" para que os Stones procurassem uma gravadora nova assim que o contrato expirasse Só para se ter uma idéia do pique da banda durante as gravações, basta lembrar que dessas sessões também saíram coisas como "Jumpin' Jack Flash", "Love In Vain" e "Sister Morphine", usadas ou em forma de singles, ou em álbuns posteriores. Curiosidade: a capa (fotografada pelo marido da "Mary" do Peter,Paul and Mary), trazia insultos grafitados num banheiro imundo, escritos por Jagger e Richards - a dupla atacava Bob Dylan, Herb Alpert, e o próprio manager deles, Allen Klein.

LET IT BLEED (1969) *****



Quem ouvir aquela introdução de "Gimme Shelter" e não sentir um arrepio subindo pela espinha, não merece nunca mais ouvir um disco de Rock 'N Roll na vida! Que abertura de disco meu! A faixa foi escrita por Keith Richards enquanto ele esperava em seu carro por sua namorada, Anita Pallenberg, que estava transando com Mick Jagger Um fator importante é que o disco trazia as últimas gravações de Brian Jones (nessa altura ele já não fazia mais parte do grupo), que morreu justamente enquanto o disco era finalizado em Londres - e trazia também as primeiras gravações de seu substituto, Mick Taylor. Alguns meses antes, a banda estourava com o single de "Honky Tonk Woman" - gravada na primeira sessão de Taylor com o grupo - no disco eles satirizavam eles próprios com "Country Honk". Fora isso ainda tinha "You Can't Always Get What You Want", "Midnight Rambler" e "Love In Vain". Uma das sessões para o álbum contava com Ry Cooder como guitarrista convidado (parte disso está registrado no disco "Jamming With Edwards"), e até hoje, muitos acusam a banda de ter roubado várias partes de guitarra tocadas por Cooder, sem se quer ter dado os devidos créditos ao moço Coisas do Rock N' Roll

GET YER YA-YA'S OUT (1970) ****

O melhor dos muitos discos ao vivo lançados pela banda, simplesmente por mostrar o grupo no auge e com muito tesão pelo palco. Basta conferir versões "potencializadas" de "Midnight Rambler", "Jumpin' Jack Flash" e "Carol". Os shows aqui registrados foram realizados no Madison Square Garden, em Nova Iorque, durante a tour de 1969, porém até hoje existem dúvidas quanto a inclusão de algumas faixas tiradas de shows também no Boston Garden e no Baltimore Civic Center

SINGLES COLLECTION - THE LONDON YEARS ****

Que tal uma compilação de todos os lados A e B dos singles da banda de 1963 até 1971? Pois é isso que oferece essa atraente coletânea tripla. De bom, o que temos aqui, é a fiel ordem da seleção das faixas, acompanhando exatamente a ordem dos singles lançados. E muitos dos lados B's e mesmo dos lados A's não aparecem nos álbuns originais (principalmente nas versões britânicas). De ruim, o fato da maioria das faixas estar em mono, fazendo com que coisas como "Sympathy For The Devil", percam muito em relação a versão em estéreo contida no disco original (nesse caso no "Beggar's Banquet").

METAMORPHOSIS *****

Talvez o mais esperado de todos esses relançamentos, simplesmente pelo fato de que é a primeira vez que o álbum é lançado no formato digital Se trata de uma compilação de irresistíveis out-takes e faixas não aproveitas dos anos 60 Outra boa notícia, é que o título em questão foi baseado na versão inglesa de 1975, que tinha duas músicas a mais do que a norte americana. A qualidade sonora é surpreendente, a o disco pega fogo do meio em diante, pois lá estão escondidas sobras das sessões do "Beggar's Banquet" e do "Let It Bleed", coisas como o gostoso boogie suista de "Jiving Sister Fanny"; o nervoso Hard Rock que é "I'm Going Down" e o cover de "I Don't Know Why" de Stevie Wonder, que curiosamente foi gravada na noite da morte de Brian Jones

Jardim Eletrico
CDs & LPs
www.jardimeletrico.hpg.com.br
Compra - Venda - Troca
Fone: (11) 3068-9117
Rua Augusta, 2212 - Loja 10 - São Paulo - SP

BIG HITS - HIGH TIDES & GREEN GRASS (1966) ***1/2

Relançamento baseado na versão americana, dessa coletânea lançada em 1966. O intuito era cobrir todos os hits norte-americanos da banda até então. Tem "(I Can't Get No) Satisfaction", "Heart Of Stone" e "As Tears Go By". Indicada mais para fãs completistas

THROUGH THE PAST DARKLY - BIG HITS VOL. 2 (1969) ****

Compilação norte americana, que nada mais é do que uma continuação do item anterior, cobrindo o período de 1966 até 1969. Foi dedicada a Brian Jones, e trazia uma inovação para o formato vinil; a capa tinha seis lados! Infelizmente nessa reedição a arte gráfica não foi fiel à original. Musicalmente era um primor pois tinha hits do calibre de "Jumpin' Jack Flash", e "Paint It Black", e obscuridades como "Dandelion" e "Sittin On A Fence".

HOT ROCKS 1964-1971 (1971) *****

Sem sombra de dúvida, a melhor coletânea do período. Engloba em ordem cronológica, todos os hits da banda do primeiro disco (64), até o "Sticky Fingers"(71). O bacana é que aparecem também músicas que só foram lançadas originalmente como compactos, ou seja, faixas que não estão nos discos oficiais da banda. É o caso de "Honky Tonk Woman" e "Jumpin Jack Flash"

MORE HOT ROCKS (1972) ****

Relançamento daquela compilação dupla lançada originalmente em 1972, com 3 faixas bônus incluídas: "Everybody Need's Somebody To Love", "Poison Ivy"(version 2), e "I've Been Loving You To Long". Funciona como complemento da "Singles Collection", e da primeira "Hot Rocks", com inúmeras faixas raras e difíceis de arranjar, mesmo em singles do grupo.

cosmic Records

CD's - VHS - DVD
Vinil Raros (LP)
Compra - Venda -Troca

Progressivo - Hard - Metal

Atendemos todo o Brasil via correio

www.cosmicrecords.hpg.com.br
e-mail: edcosmic@uol.com.br

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 317 - São Paulo - SP
CEP: 01041-000 - Fone/Fax: (11) 221- 0784

CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados

Fone/Fax: 223-1602

Enviamos pelo correio para todo o Brasil
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

METAL

CD's - DVD's - LP's - VHS - CAMISETAS

Atendemos pelo correio para todo o país

Fone:(11) 4494-7565
Fax:(11) 4436-5500

www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br

Rua Dona Elisa Fláquer, 184 - Centro - Santo André

em tempo - Thin Lizzy 1976

O ano de 1976 foi um marco na carreira do Thin Lizzy; foi quando lançaram os discos "Jailbreak" e "Johnny The Fox".

OS VAGABUNDOS SE TORNAVAM REIS !

O incontestável líder do THIN LIZZY era seu baixista e vocalista Phil Lynott, que não tinha pinta de galã, nem uma potente voz; mais compunha e tocava seu baixo, com uma fé tão cega, que nos fazia acreditar que somente aquilo poderia tirá-lo do ócio e amenizar sua falta de perspectivas.

Formada em 1970, a banda lançou cinco discos entre 1971 e 1975, sempre sem chamar muito a atenção, tanto do público quanto da crítica: Até que para o seu sexto disco, Phil resolveu traçar algumas mudanças para sua banda.

Em 1976, a formação era Phil Lynott (baixo e vocais), Brian Robertson (guitarra), Scott Gorham (guitarra) e Brian Downey (bateria). O que faltava no Thin Lizzy, era um grande disco de estúdio; um registro que mostrasse toda a fúria e energia que o quarteto apresentava no palco. Consciente disso, a banda se trancou no estúdio do The Who - o Ramport Studios em Londres com o produtor John Alcock - e criou dois clássicos indiscutíveis da história do rock.

O projeto inicial era lançar um álbum duplo, pois as músicas formavam uma peça concisa e única. A gravadora Vertigo achou melhor "rachar" o projeto em dois e lançá-los de forma separada.

A primeira parte saiu em março, com o nome de "Jailbreak". Era o começo de uma curta e gloriosa fase na carreira da banda. O visual aparecia completamente renovado; graças ao desenhista Jim Fitzpatrick, que misturava quadrinhos no melhor estilo Marvel Comics, com temas futuristas.

O disco abria com a imponente faixa título, que passou a ser usada também como abertura dos shows dali pra frente. O enredo mostrava as aventuras de heróis e vilões criados pela fértil mente de Lynott, como em "Warrior" e "Cowboy Song". A mitologia Celta também estava presente na temática da banda, como em "Emeraid", que nada mais era do que um verdadeiro grito de guerra irlandês, aliado a duelos furiosos de guitarra, transformando tudo numa bela e melódica espécie de hino. Nem só de pauleira vivia a banda - as tradicionais e dolorosas baladas de Phil também se faziam presente - como em "Romeo and the Lonely Girl" e "Running Back". Mais a maior surpresa era a faixa "The Boys Are Back In Town", uma daquelas músicas que são impossíveis de se esquecer e de se enjoar. Foi o maior hit da banda - sua mais que genuína marca registrada. Parecia que tudo andava a favor do grupo, os quatro cantos do mundo estavam ansiosos para recebê-los. E a banda se lançava numa bem sucedida turnê mundial.

Em outubro, bem no meio da tour de promoção de "Jailbreak", é lançado a outra parte do projeto original, com o nome de "Johnny The Fox".

Mais um punhado de dolorosas baladas como "Borderline", "Sweet Marie" e "Fools Gold. Peso na medida certa em "Johnny" e "Rocky"; irresistível boogie em "Don't Believe A Word"; um funkaço de entortar a espinha como "Johnny The Fox Meets Jimmy The Weed" - mostrando toda a forte "veia black" de Lynott e trazendo Phil Collins como percussionista. Tudo isso sem contar os riffs de guitarra, que arrepiam qualquer fã do Iron Maiden como em "Massacre", que chegou até a ser regravada pelo próprio Maiden em 1988.

A história agora é outra, a banda tinha um dos shows mais concorridos do ano, um perfeito e atual grupo de rock n' roll com visual de gangue de rua. Nosso herói poderia se dar por realizado, afinal o disputado e impenetrável mercado americano também já tinha sido vencido.

Infelizmente, o fim não foi nada feliz, com a banda decaindo sensivelmente em sua popularidade no início dos anos 80. Em 1983 tudo acaba, mais antes é realizada uma tour de despedida, com todos os integrantes que passaram pelo grupo - tudo devidamente registrado em "Life/Live", lançado em 1984.

Em janeiro de 1986, Phil Lynott morre num hospital na Irlanda - o laudo médico dizia ter sido uma falência múltipla de órgãos, devido aos excessos com as drogas e o álcool; hábito esse que Phil carregou consigo durante a maior parte de sua vida.

pérola escondida

Um obscuro mini super grupo dos anos 70, que apesar de surpreender pela sonoridade, nunca obteve o reconhecimento merecido.

WIDOWMAKER - TOO LATE TO CRY

Nas gostosas andanças da vida pelos sebos da cidade, me deparei com esse disco do Widowmaker jogado no fundo de uma prateleira empoeirada, e por um preço baratérrimo. É daquele tipo de disco que você sempre quer achar, mais que é muito difícil de aparecer; e o melhor é que quando aparece, o preço é sempre lá embaixo. O dono de tal sebo, muito amigo meu e profundo conhecedor do assunto por sinal, começou a rir da minha cara quando começamos a conversar sobre a bolacha. Chegando em casa, coloquei a belezinha pra rodar, e juro que o som do quinteto me surpreendeu.

O grupo foi formado em Londres em 1975, e a formação era de arrepiar; nos vocais Steve Ellis (ex-Love Affair), na guitarra Ariel Bender, pseudônimo de Luther Grosvenor (ex-Spooky Tooth, Mott The Hoople e David Bowie), na outra guitarra Huw Lloyd Langton (ex-Hawkwind), no baixo Bob Daisley (na altura ex-Chicken Shack, e que depois integraria o Rainbow, o Uriah Heep, a banda de Ozzy Osbourne e de Gary Moore, entre muitos outros) e na bateria Paul Nichols (ex-Lindsfarne). Um ano depois (1976), a banda lança seu homônimo disco de estréia "Widowmaker", que não deu em absolutamente nada. O vocalista Steve Ellis é substituído por John Butler (que depois chegou a trabalhar com o Lynyrd Skynyrd e com Billy Ocean, além de formar o Diesel Park West nos anos 80).

"Too Late To Cry" é o segundo disco da banda, lançado em 1977, e mais uma vez foi recebido com indiferença pela crítica e pelo público. O álbum começa em muito bom astral, com a faixa título, trazendo um refrão pegajoso e uma interpretação acima da média por conta do vocalista John Butler. A segunda faixa "The Hustler" é um interessante mix de hard com reggae, com a voz de Butler lembrando muito a de Steve Marriot (Humble Pie e Small Faces); "What A Way To Fall" mantêm a influência de Humble Pie, ainda com um riff certeiro de lanbuja. Já "Here Comes The Queen" é daquelas típicas e agradáveis baladas folk inglesas, com destaque para o baixo de Daisley. Encerrando o Lado A (como era gostoso esse negócio de lado da época do vinil) temos "Mean What You Say" que é Led puro; desde o timbre da guitarra, até a voz e a levada do baixo.

O lado B abre com "Something I Can Do Without", um boogie a la Foghat, com um belo trabalho de guitarras. "Sign The Papers" vem a seguir, e se não fosse raias do destino, poderia muito bem ter se tornado o hit do disco, com um instrumental bem no estilo do Bad Company. O guitarrista Ariel Bender faz os vocais "Glam" de "Pushin' & Pullin", com um estilo bem ordinário e safado, assim como o gato que ilustra a capa do disco. A faixa que encerra o álbum, é um bluesão lento, comandado pelo baixo e com mais uma vez, vocais no estilo Humble Pie.

A falta de identidade, e a ascensão do Punk Rock na terra da Rainha acabou com o grupo, que infelizmente durou só esses dois discos.

Lançamento: 1977 - United Artists
Produção: Chris Kimsey / Widowmaker
Engenheiro de Som: Chris Kimsey
Estúdio: Olympic Studios, Londres (dezembro/janeiro 1977)
Formação: John Butler (vocais, teclados e gaita)
Ariel Bender (guitarra, vocais)
Huw Lloyd Langton (guitarra)
Bob Daisley (baixo, vocais)
Paul Nichols (bateria, percussão)

Faixas: Too Late To Cry / The Hustler / What A Way To Fall / Here Comes The Queen / Mean What You Say / Something I Can Do Without / Sign The Papers / Sky Blues.

Notas:

Apesar da banda contar com um time de peso; o LP não figurou em nenhuma parada de sucesso.

O nome Widowmaker não traz sorte; também serviu para batizar o projeto no início dos anos 90, do ex-vocalista do Twisted Sister, Dee Snider, ao lado do guitarrista Al Pitrelli (ex-Alice Cooper, Savatage e Megadeth). Curiosamente, após dois discos a banda acabou, devido a também, total falta de reconhecimento.

Na contra-capa do LP, constam agradecimentos para a "Arden Family", que consistia na família do empresário Dave Arden, e sua filha Sharon. Dave era famoso nos anos 70 por empresariar bandas como o Black Sabbath; foi daí que sua filha Sharon conheceu e posteriormente se casou com Ozzy Osbourne. O mais engraçado é que hoje, o furioso Bob Daisley, está movendo um processo contra Ozzy e Sharon, por causa de alguns direitos autorais que lhe competem, da época em que o baixista fazia parte da banda de Ozzy.

No Brasil o LP foi fabricado e distribuído pela "Discos Copacabana", que o lançou dentro de uma série chamada "Série Punk Rock", que fora o Widowmaker trazia outras bandas que nada tinham a ver com o Punk, como o Angel, por exemplo!

Situação: Lançado em vinil no Brasil em 1977. A gravadora inglesa Sanctuary, acabou de lançar um CD contendo o primeiro disco homônimo na íntegra, mais algumas faixas bônus que incluem 6 músicas desse "Too Late To Cry". Agora quem quiser ouvir na íntegra, tem que correr atrás do LP, que vale a pena ser garimpado.

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco

CD's & LP's
Compra - Venda - Troca

Rock dos anos 60, 70, e 80

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

música que veio do Brasil - Eumir Deodato

Deodato foi o homem que remexeu no sagrado!

"Assim falou Zaratustra" - quem nunca ouviu aquele famoso tema de Richard Strauss, imortalizado por Stanley Kubrick no filme "2001 – Uma Odisséia no Espaço"? Somente um doido varrido teria coragem de mexer naquela obra tão importante e imponente.

E se esse louco estourasse comercialmente no mundo todo, em função de uma nova e ousada versão feita em cima de Strauss?

Pode se dizer que o ponto alto da carreira do carioca Eumir Deodato foi justamente essa versão de "Also Sprach Zarathustra", lançada em 1972. A música se tornou um hit em potencial, principalmente nos EUA, onde era tocada a exaustão nas rádios de todo o país. Gente como Stanley Clarke, Billy Cobham e Ron Carter acompanhavam Deodato na época, que inclusive ganhou um Grammy em 1973 pela canção.

O músico começou estudando piano e acordeon em conservatórios musicais no Rio de Janeiro. Festas e bailes foram as primeiras experiências, e muito rapidamente ele já foi apresentado a praticamente todo aquele pessoal da Bossa Nova. Estudava muito, inclusive engenharia de som; queria de um jeito ou de outro fazer uma carreira dentro da música, independente de suas composições estourarem ou não.

Deodato se tornou um arranjador de mão cheia, trabalhando nos primeiros discos de Marcos Valle e Wilson Simonal. Em 1967, incentivado pelo violonista Luiz Bonfá, se mudou para os Estados Unidos, onde inicialmente trabalhou com brasileiros então lá recentemente radicados, como o próprio Bonfá, Tom Jobim, Astrud Gilberto e Walter Wanderley.

Barraca do Diaz **LP's**

Raridades do mundo da música

Compra - Venda - Troca

Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova
Soul Music - MPB etc.

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

www.freenote.com.br - freenote@freenote.com.br

Songbooks
Métodos
Vídeo Aulas
DVD

free note

Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros - São Paulo - SP
CEP: 05405-050 - Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186

Após o estouro de seu álbum "Prelude" em 1972, o pianista e arranjador era um dos maiores nomes do "Fusion-Rock" mundial. As capacidades musicais a serem exploradas eram imensas, Deodato tocava, compunha, arranjava e produzia, tudo com maestria.

Passou também a ser requisitado por músicos internacionais; como Aretha Franklin, Frank Sinatra, Bete Midler, Kool and the Gang, Earth Wind and Fire entre outros. Nos anos 90, até a islandêsa Bjork fez questão de trabalhar com o músico. Como artista solo, lançou discos pela MCA, Warner Bros. e pela conceituada gravadora CTI. Em 1979, Deodato passou a se concentrar mais nos arranjos e na produção de outros artistas. No curriculum, mais de 500 discos com sua participação e mais de 15 discos de platina.

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Inútil Paisagem (1967) – seu primeiro disco solo, composto somente de canções de autoria de Tom Jobim.

Donato/Deodato (1969) – clássico registro ao lado de João Donato.

Prelude (1972) – seu disco mais famoso. Gravado com um time de respeito. Continha a maravilhosa versão jazz-funk para "Also Sprach Zarathustra", assim como as dançantes "Baubles,Bangles and Beads" e "September 13".

In Concert - Live at Felt Fórum (1973) – registro de um show realizado em Nova Iorque, bem na esteira do sucesso do disco "Prelude". Nem por isso o disco deixa de ser brilhante, com versões para "Do It Again" aquela do Steely Dan, e "Whirlwinds".

Marché

LP's

Bossa Nova - Jazz
MPB - Clássicos
Orquestras e
muito mais...

Fone: (11) 3034-2503

marche@marchediscos.com.br

Rua Matheus Grou, 634 - Pinheiros - São Paulo - SP

CONFEITARIA
SÃO GABRIEL

3885-8878
3887-9319
3887-4886

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

STOPARK

ESTACIONAMENTO

Mensal - Avulso - Diurno - Noturno

Em Pleno Coração das Baladas

Fone: 3045-2055

Rua Gomes de Carvalho, 1714 - Vl. Olimpia

Laticínios Nossa Roça

Fone/Fax: (11) 4412-8567

Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

Rocks off

CD's Nacionais e Importados
DVD's - Camisetas - Fitas VHS
ETC. e tal

Fone: (11) 3815-6736

Rua Fradique Coutinho, 632 - Pinheiros - SP

Canal !

Novos e Usados

LP's - CD's - Livros

Fone/Fax: (11) 3875-2149

Av. Prof. Alfonso Bovero, 1443 - Pompéia - São Paulo - SP

ROCK N' ROLL SOUL

O melhor do Rock dos anos 60 e 70

Grand Funk - Free - Rory Gallagher - Neil Young - Aerosmith
Cream - Whitesnake - Rolling Stones - Rod Stewart e muito mais...

Contatos para shows: (11) 9526-7947 (Bento Araújo) - (11) 3812-4314 (Marcelo Watanabe)